

## O PÓS-PANDEMIA EM PERSPECTIVA - OLHAR DA ÉTICA

### THE POST-PANDEMIC IN PERSPECTIVE - A LOOK TO ETHICS

**Flaviano Oliveira Fonsêca**

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: fflaviano10@hotmail.com

**Jorgenaldo Calazans dos Santos**

Doutor em Geografia Professor do Instituto Federal de Sergipe (IFS). E-mail: jorgenaldo.calazans@ifs.edu.br

**Bruno Dias Dos Santos**

Graduando em Teatro pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: brunosantosse@yahoo.com.br

**Resumo:** Agitado pela da crise causada pelo vírus Sars-CoV-2, paradoxalmente, o mundo desacelerou e vive um momento de “calma”. O objetivo deste artigo é refletir sobre a gravidade da questão, buscar alternativas para a saída da crise e, também, desenhar cenários que induzam a um escrutínio ético equilibrado indutor de um outro modelo de desenvolvimento, de práticas sociais e de civilização. Trata-se de uma análise apoiada nos estudos de Hans Jonas e Hartmut Rosa. Este traz à tona as ideias de aceleração como característica da modernidade tardia e que o caminho de superação seria uma ação de ressonância e empatia nas relações inter-humanas, o outro, Jonas, fundador na heurística do temor, preza pela ética da responsabilidade que se antecipa ao perigo e à catástrofe ante o agir humano marcado pelo determinismo econômico e pelo acúmulo de riqueza material em detrimento do cuidado para com a vida humana e não humana. Concluindo, importa considerar a crise como uma oportunidade para rever valores e ações, entretanto, permanece a dúvida se as fendas abertas terão forças para “parir” uma sociedade ecológica e solidária, ou, ao contrário, se ela ressurgirá mais violenta e seletiva contra os mais desprotegidos da sociedade quando cessar essa pandemia.

**Palavras-chave:** Coronavírus. Crise. Hartmut Rosa. Hans Jonas. Ética.

**Abstract:** Agitated by the crisis caused by Sars-CoV-2 virus, paradoxically, the world has slowed down and it's been experienced a moment of “calm”. The objective of this article is to reflect on the seriousness of the issue, to seek alternatives for the solution of the crisis and, also, to design scenarios that induce a balanced ethical scrutiny inducing another model of

development, social practices and civilization. This is an analysis based on the studies of Hans Jonas and Hartmut Rosa. The latter brings to light the ideas of acceleration as a characteristic of late modernity, and the way to overcome it would be an action of resonance and empathy in inter-human relations, the other, Jonas, founded of the heuristic of fear, cherish for the ethics of responsibility that anticipates itself from danger and catastrophe in the face of human action, marked by economic determinism and the accumulation of material wealth to the detriment of care for human and non-human life. In conclusion, it is important to consider the crisis as an opportunity to review values and actions, however, the question remains whether open cracks that will have the strength to “give birth” to an ecological and supportive society, or, on the contrary, it will resurface itself more violent and selective against the most unprotected in society when this pandemic ceases.

**Keywords:** Coronavirus. Crisis. Hartmut Rosa. Hans Jonas. Ethics.

### INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos, a humanidade tem enfrentado diversas crises epidemiológicas causadas por bactérias, vírus e outros microrganismos. Tais crises sanitárias têm deixado marcas de dor e sofrimento, como também um espectro de experiências que podem ajudar na resolução de problemas semelhantes.

Diante de crises gigantescas e complexas que, na maioria das vezes, fogem completamente do controle imediato por parte das sociedades globais, as tentativas de compreensão desses fenômenos tornam-se muito importantes, sendo indispensável considerar o que dizem os cientistas das mais diversas áreas do conhecimento. Esses, por sua vez, podem ser divididos em dois grandes grupos: o primeiro, *latu senso*, é composto de sanitaristas ou epidemiologistas, cientistas e médicos pesquisadores da saúde. Já o outro grande grupo de cientistas, não menos importante, tem a missão de repensar não especificamente uma solução pontual para o problema em questão, mas contribuir com uma revisão do modelo de práticas sociais, de desenvolvimento e mesmo de civilização até então vivido pelas sociedades.

Assim, alguns questionamentos se impõem e merecem a nossa atenção na tentativa de compreender esse fenômeno sanitário contemporâneo, quais sejam: o que é mesmo a COVID-19? Quais as crises sanitárias mais importantes enfrentadas pela humanidade? Porque esse momento é tão grave a ponto de induzir um terço da população mundial ao auto isolamento e, com isso, a uma paralisação quase que completa das atividades consideradas não essenciais? Quais as reais motivações para que gigantescos freios bloqueassem e retardassem a marcha frenética da velocidade que o mundo se recusava e jamais pensava rever e bloquear abruptamente? Esses são alguns dos questionamentos que nos conduzirão a entender a gravidade da crise gerada pela COVID-19.

## PENSADORES E O CONTEXTO

Parafraseando Carlos Drummond de Andrade, quando diz: “No meio do caminho tinha uma pedra,

tinha uma pedra no meio do caminho. [...] Nunca me esquecerei desse acontecimento, na vida de minhas retinas tão fatigadas, nunca me esquecerei de que no meio do caminho, tinha uma pedra”<sup>1</sup>, foi assim que a comunidade internacional se viu tomada de assalto e, mais brutal ainda que uma pedra por que invisível, viu a COVID-19 se espalhar na humanidade.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020), o coronavírus é um conjunto de vírus que causam infecções respiratórias, tendo sido redescoberto em 31 de dezembro de 2019, após casos registrados na China (trata-se de um tipo da síndrome respiratória aguda grave, SARS). O primeiro caso existente ocorreu no ano de 1937, no qual as pessoas infectadas foram isoladas com os sintomas do vírus. Mas, apenas em 1965, o vírus ganhou o nome de coronavírus, em decorrência do perfil na microscopia com aparência de uma coroa.

Com isso, a questão central deste artigo é entender esse grave problema e, ao mesmo tempo, vislumbrar perspectivas de saídas para a crise, uma vez que não está certo de que o pós-pandemia terá forças para ensinar as comunidades locais, nacionais e internacionais a serem melhores, solidárias e mais justas.

No primeiro livro publicado no Brasil em Hans Jonas, intitulado: Hans Jonas: (bio) ética e crítica à tecnociência, Fonsêca (2007) apresenta uma avaliação ético-filosófica da civilização tecnológica, discutindo diversos trabalhos que analisaram e apontaram para o esgotamento desse modelo de civilização com agravamento a cada dia que passa. Vários trabalhos em diversas áreas do conhecimento também têm contribuído com o

<sup>1</sup> Trecho do poema “No meio do caminho”, publicado pela primeira vez em 1928, na revista *Antropofagia*, em 1930, em *Alguma poesia* e, desde então, nas principais antologias da obra do poeta itabirano.

esclarecimento do problema, bem como apontado caminhos de enfrentamento dessa crise macro em análise. Nesse particular, o que se constata é a existência de um modelo civilizacional e de desenvolvimento desprovido de afeição ética e sem freios reguladores ou qualquer espécie de temor frente aos riscos de desastre inerentes à própria atividade de intervenção humana na natureza e, até mesmo, na natureza humana.

Esse crescimento exponencial das inventividades humanas é flagrantemente impulsionado pela economia de mercado e, em sua maioria, os regulativos éticos são completamente desproporcionais aos poderes que terão que regular, a exemplo da engenharia genética aplicada aos humanos e aos seres vivos, quer animais quer vegetais, na produção de alimentos e outros. Nesse ponto, não se sabe as consequências de tantos alimentos geneticamente modificados para a saúde humana, assunto para outro momento. Ainda, na mesma linha, observa-se uma crescente investida contra o meio ambiente, no intuito de transformá-lo em matéria prima para o consumo sem perspectivas de arrefecimento.

Nesse particular, o documento Pontifício que trata das conclusões do recente Sínodo sobre a Amazônia<sup>2</sup> realizado no Vaticano sob a presidência do Papa Francisco, juntamente com os bispos da região pan-amazônica e com as lideranças populares e sociais daquelas regiões, chegou a conclusões vexatórias acerca dessa escalada exploratória dos recursos naturais em prejuízo para a vida humana e não humana. Assim, a grande empreitada do modelo de desenvolvimento em curso já há muito tempo esgotado visa, entre outras coisas, desnudar

todos os mistérios da natureza e disponibilizá-lo como mercadoria entregue ao apetite dos mais variados consumos. Disso, infere-se que, em algum momento, a natureza não suportará tamanha pressão e se reverterá contra o próprio ser humano e, certamente, como alguns afirmam, outras crises ainda mais severas que a atual poderão ser desencadeadas.

Convém notar que, em outro evento, o Papa Francisco, juntamente com o Secretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), foi convergentes em seus pronunciamentos. Por ocasião do 50º aniversário do primeiro Dia da Terra, o Papa Francisco afirmou que a pandemia do novo coronavírus havia mostrado que alguns desafios tinham que ser enfrentados com uma resposta global. Na oportunidade, teceu elogios ao movimento ambientalista, afirmando que era necessário que, em tempo oportuno, os jovens “saíssem às ruas para nos ensinar o que é óbvio, ou seja, que não haverá futuro para nós se destrirmos o meio ambiente que nos sustenta” (BERGOGLIO apud PULLELLA, 2020, p. 01). Ainda em seu discurso, o Papa retomou um provérbio espanhol em que Deus sempre perdoa, o homem às vezes perdoa, mas a natureza nunca o faz, e, complementou, Francisco: “Se deterioramos a Terra, a resposta será muito feia”. (BERGOGLIO apud PULLELLA, 2020, p. 01).

Nesse mesmo sentido, outra voz que se faz ecoar acentuando a gravidade do momento vivido pela humanidade foi a do secretário-geral da ONU, António Guterres. Esse, registrou seu apelo direcionado aos governos, solicitando empenho pela “recuperação verde” em resposta ao coronavírus<sup>3</sup>. Assim, observa-

2 O documento pode ser acessado através do link: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>>.

3 O discurso pode ser acessado em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2020/04/22/no-50-dia-da-terra-papa-diz-que-natureza-nao-vai-perdoar-danos-provocado-por->

se uma convergência entre o papa e Guterres, uma vez que fizeram da proteção ambiental e das mudanças climáticas temas-chave para seus pronunciamentos. Na análise de Francisco, a Terra não deve ser um depósito interminável de recursos para exploração infundável.

Ademais, são inúmeros os sinais de esgotamento dos recursos naturais, como por exemplo a formação dos grandes desertos pela infertilidade do solo, a expulsão das comunidades indígenas de suas terras genuínas, o descongelamento das geleiras nos polos, as chuvas ácidas e da poluição do ar, que, nos dias de hoje, percebe-se o aprofundamento de tal investida de forma desenfreada. Tais equívocos no modelo de desenvolvimento tem um preço a ser contabilizado e se impõem sobre a humanidade como um todo as consequências e os perigos de tal empreitada.

Trata-se de uma infundável escalada do poder desmedido, tal qual a Saga de Prometeu desacorrentado, que será analisada mais adiante, que é exercido sempre e cada vez mais sobre as coisas e sobre o próprio ser humano, tudo isso sem levar em consideração um agir pautado pela *phrónesis*, apelo ético do filósofo Aristóteles (1973), e que significa a prudência ou sabedoria prática frente aos seus semelhantes e, aqui, deve ser estendida ao meio ambiente. Isso porque, nesse modelo de civilização que se impõe na contemporaneidade, o limite é, e será sempre, a capacidade e a exequibilidade da coisa em si e nada mais. Entretanto, como estamos argumentando, as bases desse modelo estão deterioradas há muito tempo. Certamente, a crise provocada pela COVID-19 tem se revelado como um platô a partir do qual esse modelo, já em ruínas, deverá

ser completamente repensado para ceder lugar a outro, quiçá ecológico e de solidariedade entre todas as espécies. Tal prática tem sido apontada não apenas pelos ambientalistas, mas também pelos governos e líderes mundiais nas diversas convenções e tratados internacionais sobre o meio ambiente e sobre o clima global.

Frente a tudo isso, do ponto de vista ético-moral, devemos nos perguntar: sairemos melhores dessa crise? Quais as chances para que isso aconteça? Quem nos apoiaria para além de apenas entender esse momento atual? Quais seriam as pistas de ação para esse problema de extrema gravidade acirrado pela COVID-19? Pensar a crise em sua globalidade e observando a severidade com que ela se impôs talvez seja a melhor contribuição para encontrar novos caminhos e renovados horizontes de ação.

Assim, na perspectiva de entender e buscar saídas para problemas tão complexos e parafraseando a inspiração de João Guimarães Rosa, na obra *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 1994), o poeta, referindo-se à fala do jagunço, diria que a cabeça da gente é uma só e as coisas que há e que estão para haver, são demais de muitas, muito maiores, diferentes e a gente tem de necessidade aumentar a cabeça para o total. Cabeça, tronco e membros porque é essa a realidade é mais do que ela parece ser efetivamente. Ela não é algo reduzido. Está em toda parte e quando menos se espera ele volta.

Neste ponto, alguns pensadores nos ajudam a “aumentar” a nossa “cabeça” ou, como diz o poeta, “aumentar a cabeça”. Pensadores têm se dedicado a fazer esse trabalho de repensar as bases e os limites da nossa civilização. Assim, no campo das neurociências, é muito presente falar dos sintomas de uma cultura narcísica (LASCH, 1984) e do espetáculo

[seres-humanos.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola](https://www.seres-humanos.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola) >

(DEBORD, 1997), de uma ‘subjetividade rasa’, de uma sociedade depressiva que prefere curar as doenças do espírito por uma terapia medicamentosa. No âmbito da sociologia, fala-se de um mal-estar na pós-modernidade (BAUMAN, 1998), de um mal-estar na atualidade (BIRMAN, 1999); do império do efêmero ou Hipermodernidade (LIPOVETSKY, 1989), das sociedades líquidas (BAUMAN, 1998), da aceleração e transformação das estruturas sociais (ROSA, 2019), entre outros.

Neste sentido, essa reflexão terá por base o Hartmut Rosa, ao tratar da desenfredda aceleração encorpada pela contemporaneidade e, também, a ideia de responsabilidade de Hans Jonas, originada do temor heurístico, refletida em sua obra mais importante “O Princípio Responsabilidade”, publicada originalmente no ano de 1979. Esses autores contribuem para desenhar cenários e pistas para o pós-pandemia.

## **CAMINHOS PARA O PÓS-PANDEMIA – ÉTICA E CONTEXTO**

Hans Jonas (2006) analisa, no campo ético-filosófico, que a associação dos avanços da ciência e da tecnologia encontram-se eivados de um niilismo crasso e de um progressivismo, por vezes, cego ou mesmo um vazio ético sem paralelos na história, e isso se torna perigoso, em especial, quando tal junção encontra-se a serviço do poder econômico. Desse modo, a civilização tecnológica está pronta para desencadear processos cujas consequências não são todas passíveis de conhecimento prévio e que, por isso mesmo, poderão comprometer a vida humana e o meio ambiente como um todo. Nesse sentido, Jonas empreende um forte apelo pela renovação da ética fundamentada no que ele chama de heurística do temor.

Assim, a outra ideia pela qual nos deixaremos

guiar é o argumento a respeito da ideia de aceleração de Hartmut Rosa. Com isso, esses pensadores ajudam a entender duas coisas: o momento presente, com suas sombrias incertezas, e, ao mesmo tempo, luzes para o futuro no pós-pandemia que temos pela frente, com vistas a promover uma real adaptação ao “novo normal”. Sobre essas duas ideias, aceleração e temor, o que realmente está em jogo?

Aceleração é a ideia do sociólogo alemão Hartmut Rosa amplamente desenvolvida em sua obra *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade* (2010). Sua tese principal é que a estrutura da sociedade moderna depende de sua permanente dinamização, o que a projeta para um infinito processo de aceleração. Certamente, trata-se da situação ambivalente em que vive a nossa contemporaneidade ao postular que, no mundo em que os avanços tecnológicos possibilitam aos humanos uma enorme economia do tempo, contraditoriamente, o que vemos é que as pessoas parecem dispor cada vez mais de menos tempo.

Para Rosa (2017, p. 377):

Na modernidade tardia, para muitas pessoas as coisas voltaram a ser como no começo: elas não sabem o que o amanhã trará. Mas existem duas diferenças. Uma delas diz respeito ao fato de que agora as mudanças são endógenas, e não exógenas como um incêndio, uma doença ou uma seca – são produzidas pela própria sociedade. É a lógica da estabilização dinâmica o que faz as pessoas não saberem o que acontecerá amanhã. E a outra diz respeito à retirada sistêmica das seguranças ontológicas. Isto é, no mundo pré-moderno, para muitas práticas cotidianas havia fortes tradições que informavam os procedimentos, você sabia o que fazer e como fazer – você sabia quem você era e o que a sociedade era. É por isso que o tipo de insegurança trazida pelo destemporalização da vida

na modernidade tardia é tão diferente daquela vivida pelos pré-modernos.

O núcleo analítico do seu pensamento diz que os fundamentos do processo de modernização, vistos a partir de sua dimensão temporal, é um processo de aceleração social. É aqui que reside o grande paradoxo, uma vez que se nota, com o crescente aparato técnico utilizado para a economia de tempo na produção, nos transportes e na comunicação, que a sociedade moderna é acometida, contraditoriamente, por uma tendência paralela de escassez do tempo. A consequência direta de tudo isso revela que estamos nos deixando guiar por um princípio de crescimento escalar cego (ROSA, 2010), posto que a sociedade embarcou em um duplo processo simultâneo, isto é, passou a experimentar aceleração técnica e aceleração do ritmo da vida ao mesmo tempo. Daí a derivação mais importante da tese do autor, o qual afirma que a estrutura da sociedade moderna depende de sua permanente dinamização, o que a projeta para um processo aceleratório infundável. Assim, essa ausência de sincronia entre a velocidade dos processos sociais e daqueles aos quais se vincula – os processos naturais e psicológicos – tornou-se o núcleo duro das suas afirmações e tese.

Convém destacar que esse processo de aceleração infundável incide sobre a condição existencial das pessoas na medida em que as empurra para um vazio de sentido para as suas vidas. Hartmut exemplifica essa situação da seguinte maneira:

Um caso paradigmático de alienação pode ser observado na síndrome de *burnout*, na qual as pessoas, a despeito de saberem que possuem um bom emprego, de que podem ser bem-sucedidas em acumular dinheiro, amizades, conhecimentos etc., sentem

ao mesmo tempo em que o mundo em que vivem tornou-se frio, mudo e surdo – e eu tenho conversado muito com médicos e psiquiatras a esse respeito. E quando essas mesmas pessoas olham para dentro de si mesmas, têm o mesmo sentimento; sentem-se alienadas de si, como se tudo em suas vidas estivesse vazio e mortificado. Essa experiência é, para mim, o senso da alienação (ROSA, 2017, p. 379).

Entretanto, agora vivemos um momento histórico de desaceleração, como se freios gigantes detivessem as rodas da sociedade em contraposição ao que Rosa (2010) chama de aceleração desenfreada das massas. Nesse ponto, é virtuosa uma aproximação com o filósofo Hans Jonas (1979), o qual defende a tese de que a modernidade tardia vive sob a égide de Prometeu desacorrentado ao unir a economia ao poder do conhecimento tecnocientífico, com o objetivo de “turbinar” o acúmulo da riqueza material. Assim, o poder humano, neste caso, vai emparelhado a um vazio ético de dimensão abissal.

Na esteira de Rosa (2010), vê-se claramente, a partir do resgate do conceito de alienação, a intenção do autor em elaborar um estatuto normativo para uma boa vida. Em seu trabalho de 2017, Rosa esclarece que a boa vida implica em nossa aspiração de encetar uma vida de ressonância ancorada em um tríptico princípio ou três níveis: ressonância com o outro, com as coisas e com a natureza e seres em geral. Ao explicar do que se trata esses três níveis de ressonâncias, o autor afirma:

Um deles diz respeito ao encontro de relações sociais ressonantes, isto é, relações nas quais uma pessoa tem a capacidade de alcançar e afetar outra, mas apenas de maneira que essa outra pessoa também o tenha. Nós costumamos conceituar a amizade e o amor como relações desse tipo. Mas também, em

outro nível, é possível encontrar a necessidade de uma relação ressonante com as coisas – com os objetos com os quais trabalhamos, por exemplo. E, por fim, a necessidade de ressonância em relação ao nosso estar no mundo enquanto tal. (ROSA, 2017, p. 378).

Para melhor entender a alienação, importa dizer claramente o seu oposto, daí que “o que oponho à alienação é o estar em contato com algo que realmente te afeta, mas que ao mesmo tempo te permite tocar o lado oposto. Trata-se, portanto de ressonância, como algo que te muda e que não pode ser completamente controlado ou previsível – nunca se sabe quando a ressonância ocorrerá” (ROSA, 2017, p. 380).

Quanto à condição de possibilidade de ressonância, neste ponto, Rosa não concebe a autonomia como o conceito filosófico derivado de Kant, mas como um conceito sociológico. Dito de outra forma, o que determina a autonomia não é apenas o ser capaz de tomar uma decisão por si próprio, isso não seria suficiente, pois não se reduz ao fato de estar livre, mas importa sobremaneira de ser capaz de ser tocado por outro, de ouvir a outro, pois, fundamentalmente, o autor dirá que o critério normativo da teoria crítica são nossas relações de ressonância.

Nesse sentido, a ressonância é algo que não pode ser totalmente previsível, assim, a alienação se define pela incompatibilidade entre a velocidade das coisas e as experiências humanas, ou seja, o descompasso entre o indivíduo e o mundo. O resultado disso implica em uma vida social paralisante, pálida e fria. As potencialidades da “boa vida” de acordo com o autor em 2016 são revolucionárias e libertadoras e são sistematicamente obstruídas pela lógica da aceleração.

Entretanto, Rosa (2017, p. 372) assevera que:

O processo de modernização, enquanto uma dinamização do mundo conduz a uma forma de equilíbrio social baseado no fenômeno da estabilização dinâmica. Isso significa que a sociedade moderna pode manter sua própria estrutura apenas através de aceleração, crescimento e inovação, o que significa que o mundo como um todo, em sua materialidade, é posto sob pressão para dinamizar-se: pessoas, dinheiro, bens e matérias primas são postos em movimento. Por outro lado, podem existir tradições culturais, populações tradicionais que não conseguem acelerar senão ao preço de sua própria destruição. A esfera ecológica é dessincronizada, uma vez que a natureza é muito lenta para o ritmo da sociedade. A política também pode vir a ser dessincronizada: a democracia é um processo que consome tempo. Mas também acredito que exista dessincronização entre os mercados financeiros e a economia produtiva: transações financeiras podem ser efetivadas na velocidade da luz, mas boas casas, bons carros e computadores não podem ser produzidos nessa velocidade.

Nesse contexto, com relação à ressonância existem duas ressalvas: primeiro que, em processos de ressonância, o indivíduo é transformado em uma determinada direção da qual ele não tem completa consciência, por isso não é equivalente à autonomia. E, em segundo lugar, deve-se considerar que ressonância implica em algo elusivo, isto é, não é possível ter certeza em relação a quem ocorrerá, ou quando, bem como não é possível prever seu resultado (ROSA, 2017), sendo, no seu entender, a autonomia apenas um componente normativo da ressonância.

Nesse sentido, a estrutura institucional que pressiona os indivíduos a serem cada vez mais velozes, eficazes e capazes de controlar seu ambiente fruto de uma exigência abrupta de estabilização dinâmica implica, a todo tempo, uma devassa nas condições de suas qualidades

ressonantes. Desse modo, como indivíduos, as ações beiram a impotência e inefetividade e, unilateralmente, podemos tomar algumas iniciativas insuficientes para atender ao longo alcance. Só uma vida de mão dupla poderá dar conta de tamanha complexidade.

Assim, uma divisão nos é imposta a todo instante, sendo a primeira a da estabilização dinâmica e a segunda a direção da busca por relações ressonantes. Frente a tudo isso, importa empreender esforços na direção dos eixos de ressonâncias em detrimento de um suposto e cego determinismo na direção da estabilização dinâmica. Assim, a crise provocada pela COVID-19 impõe um momento histórico de desaceleração, como se freios gigantes detivessem as rodas da sociedade. Nesse ponto, a percepção de Hartmut Rosa, a qual ele chama de “aceleração desenfreada das sociedades capitalistas”, torna-se um imperativo para esta reflexão.

Em outras palavras, para Rosa, em primeiro lugar, a sociedade atual, como ela se encontra, só tem chances de conservar a sua estrutura e manter-se dinâmica e estável se obedecer rigorosamente a essa sistemática de aceleração crescente, pois, suas estruturas não apenas estão predispostas para o crescimento, como também essa dinâmica é parte visceral da sua cadeia sistêmica de manutenção, fazendo ela se transformar e se acelerar sempre mais que se mantém estável. Uma consequência direta dessa situação, de acordo com o autor, é que, em um momento de viragem civilizacional, a aceleração social ultrapassou um limiar crítico das estruturas de estabilização dinâmica, conduzindo, inevitavelmente, ao que ele denomina de relações dessincronizadas.

Rosa (2019), portanto, é signatário da hodierna tese que diagnostica como uma

sociedade de aceleração dessincronizada e destemporalizada e, com ela, uma nova interpretação do fenômeno da alienação. Afirma o autor que, nos últimos duzentos anos ou mais, o mundo ia cada vez mais rápido, uma vez que ao observar o número de carros, trens, navios, aviões, o tráfego e o movimento aumentavam sem cessar. Constata, ainda, alguns bolsões de desaceleração, por exemplo, depois dos atentados de 11 de setembro, no qual tráfego aéreo foi menor durante algumas semanas, mas tratou-se de algo localizado e pontual. Tudo isso é sintoma e consequência de serem as sociedades modernas.

Em segundo lugar, revela que iniciou a elaborar sistematicamente o conceito de ressonância como contra conceito à alienação, *Entfremdung*, como tratado anteriormente e, a partir dele, propor uma nova medida para a vida bem-sucedida. Mas tudo isto se interrompeu, fazendo com que estivéssemos vivendo um momento único de calma.

A outra ideia tratada aqui é de Hans Jonas (1995) em sua obra “O princípio Responsabilidade”, a qual, a partir dela, será desenvolvida a tese dos freios de que Rosa (2019) fala. Jonas introduz a tese de que freios voluntários são de extrema importância diante da Heurística do Temor, ou seja, é muito importante se antecipar ao perigo, antevê possíveis riscos do modo desenfreado de ser e viver ante o determinismo tecnológico para fins de acúmulo material. Nesse ponto, o acúmulo de riqueza de alguns impõe a fome a 821 milhões de pessoas, segundo a ONU (2020), tratando do infatigável apetite da economia de mercado que cresce exponencialmente. Tudo isso, Jonas (1995) pensou a partir da saga de Prometeu acorrentado.

O Primeiro fato é o de que “Prometeu está desencadeado”, ou seja, a ciência compõe forças

de penetração nunca antes conhecidas, a economia com infatigável impulso de dominação, somado ao vazio e o relativismo de valores atuais. A crise é, pois, o ponto de partida. O que poderá servir-nos de guia? pergunta ele. O próprio perigo que prevemos de onde se poderão descobrir princípios éticos dos quais derivam novos deveres do novo poder. “A isto eu chamo “heurística do temor”, como freios éticos voluntários aos tentáculos deste poder” (JONAS, 1995, p. 15-16).

Nesse ponto, infere-se do pensamento de Jonas a preocupação com a junção entre tecnologia e economia, pois esta combinação pode aumentar ainda mais o fosso entre os que têm muito poder e os que dele não dispõe para garantir a proteção ao meio ambiente e à própria existência humana digna.

Deve-se notar, também, que a tese de Jonas exige pensar as gerações futuras que não podem ter o seu futuro decidido antecipadamente pelos interesses injustificáveis da ordem material e de reprodução da riqueza econômica. Em tempos de pandemia, talvez seja essa mais uma luz que se acende, e, nesse ponto, o filósofo registrou com muita ênfase que o poder como força final, causal, se distribui por todo reino vivo.

Em termos concretamente éticos da ação, cabe, agora, o ponto de partida, o do caráter modificado da ação humana. A saber, no momento em que não temos a certeza e segurança dos frutos de nossa ação – e as questões ecológicas e éticas estão aí para os avanços do “progresso”, é aí que se abre uma dimensão de valoração ética nova, que não estava prevista nos “cânones da ética tradicional” (JONAS, 1995, p. 22-23).

Na consideração da obra da civilização tecnológica, o discurso de Jonas nos lembra o da *Deep Ecology*, corrente ecológica marcante até hoje. Segundo a fala:

“O angustiante poder do homem fala de sua violadora invasão da ordem cósmica, da temerária irrupção do inesgotável engenho humano nos diversos campos da natureza, e a civilização vão juntas. Ambas se rebelam contra os elementos. Não obstante, o mais importante para nosso caso não é tanto o tom alarmante, mas o fato de que nisso, a natureza “não era objeto da responsabilidade humana; ela cuidava de si mesma” e cuidava também do homem; ou seja, “frente à natureza não se fazia uso da ética, senão da inteligência e da capacidade de invenção” (JONAS, 1995, p. 28).

E agora portanto, reconhecendo os limites da Ética, precisamos pensar um novo estatuto moral diante da dinâmica dos desafios presentes. No pós-pandemia, a questão do desemprego, do subemprego e da exploração do capital pode se revelar em uma onda ainda mais violenta sobre as comunidades. Isso em vista da retração na reprodução do capital e encolhimento do PIB mundial imposta pela crise do coronavírus de forma generalizada. Esse, por sua vez, será um ponto de grande sofrimento para as populações menos protegidas, o que não será tratado neste trabalho.

A heurística do temor é ligada diretamente ao princípio de precaução e começa assim: somente a previsível desfiguração do homem nos ajuda a alcançar aquele conceito de homem que há de ser preservado de tais perigos, ou seja, é porque temos alguma noção de dignidade humana e vital a ser preservada que podemos e devemos pedir uma moral que a defenda.

O que vai chamar a atenção nessa ética é que sua justificação se prolongue até a metafísica, pois somente desde ela que cabe fazer a pergunta do por que deve haver, em geral, homens no mundo e garantir a sua existência futura. Mas, essa metafísica, podemos dizer, será alargada,

deixando de ser antropocêntrica para incluir a dignidade de todos os seres “do globo terrestre”, bem como o “futuro remoto”, pois, acima de tudo, não podemos viver como se fôssemos a última geração (FONSÊCA, 2007).

A luta dessa ética fundamentada metafisicamente parte do fato de que viver e manter a vida é melhor do que deixar morrer ou aniquilar, e trava-se contra um certo utopismo tecnocêntrico, que também alardeia um futuro novo, porém nitidamente objetificador, ou seja, esquecedor do ser abismal que atravessa o homem, de sua morada na alteridade. Assim, dinâmica tecnológica de progresso, que é de escala planetária, alberga enquanto tal um utopismo implícito. Já o princípio de reponsabilidade, tem uma “tarefa mais modesta, decretada pelo temor e o respeito... preservar a integridade de seu mundo e de sua essência frente aos abusos do poder” (JONAS, 1995, 16-17).

Por outro lado, essa mesma ciência direcionada para a vida, como na crise atual, revela-se protetora da humanidade pelas mãos consoladoras e certeiras de médicos e profissionais da saúde, os quais se arriscam para cuidar e devolver a saúde de dezenas de milhões de vidas ameaçadas pelo vírus. Por isso a importância ética da responsabilidade de Jonas como caminho de cuidado pelo frágil e vulnerável para o pós-pandemia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise provocada pela COVID-19 é, de fato, uma oportunidade para rever valores e ações, entretanto, não está certo de que uma nova realidade irá surgir. Embora alguma sensibilidade social tenha sido posta em prática com programas de renda mínima implantados de forma emergencial aqui no Brasil, bem como em vários países da Europa e América do Norte, não

há sinais quanto ao alcance mais profundo dessas medidas.

Há, de fato, uma incerteza muito grande que paira no ar e que não é muito clara com relação à situação em que sejam revistas as clássicas posições do capitalismo, o qual sempre privilegia o capital em prejuízo das instáveis relações sociais. Assim, uma vez passada a pandemia, corre-se o risco de as relações humanas voltarem com muito mais esgarçamento ao tecido social. Além disso, a precariedade em relação às condições de trabalho, de acesso à educação e aos serviços públicos poderão estar ainda mais precarizadas, com a justificativa de que a fatura do auxílio emergencial ou programa de renda mínima terá que ser paga. Nesse ponto, como ocorre em sistemas de acúmulo de capital em geral, são os mais desprotegidos que arcam com a maior parte da conta e, assim, a utopia de sairmos melhores da crise poderá ser adiada para mais adiante em face de um capitalismo ainda mais seletivo e segregador.

Retomando Guimarães Rosa em Grande Sertão: Veredas: “viver é muito perigoso e o que a vida quer da gente é coragem”.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Col. Pensadores. V. IV.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Sobre a doença*. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FONSÊCA, F. O. *Hans Jonas: (bio) ética e crítica à*

tecnociência. Recife: Editora UFPE, 2007.

JONAS, H. *O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

\_\_\_\_\_. *El Pincipio de Responsabilidad*. Barcelona. España: Herder, 1995.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

Organização da Nações Unidas. ONU. *Fome aumenta no mundo e afeta 821 milhões de pessoas*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/fao-fome-aumenta-no-mundo-e-afeta-821-milhoes-de-pessoas/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

LIPOVETSKY, G. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PULLELLA, P. *No 50º dia da Terra, papa diz que natureza não vai perdoar danos provocados por seres humanos*. UOL Notícias. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2020/04/22/no-50-dia-da-terra-papa-diz-que-natureza-nao-vai-perdoar-danos-provocados-por-seres-humanos.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

ROSA, H. *Beschleunigung. Alienation and acceleration: towards a critical theory of late-modern temporality*. NSU Press, 2010.

\_\_\_\_\_. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação. Entrevista por João Lucas Faco TZIMINADIS. UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. *Estud. sociol.* Araraquara v. 22 n. 43 p. 365-383 jul.-dez. 2017.

\_\_\_\_\_. *Resonanz. Eine Soziologie der Weltbeziehung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2016.

\_\_\_\_\_. *Weltbeziehungen im Zeitalter der Beschleunigung*. Berlin: Suhrkamp, 2019.

ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Nova Aguilar. 1994.